

A seriedade da Acção Católica

Pelo Dr. Abel Varzim

Quem se der ao trabalho de ler os romances dos melhores autores católicos ou simplesmente cristãos da actualidade — Daniel Rops, Maxence Van der Meersch, Graham Greene, François Mauriac, Paul Claudel, Virgil Gheorghiu — confirma a impressão que nos deixa no subconsciente o confrangedor contacto com o dia a dia: a sociedade chegou a tal ponto de corrupção intelectual e moral que, humanamente falando, não se lhe vê outra saída senão o abismo.

Maxence Van der Meersch, em *Corps et âmes* ou em *La Fille Pauvre*, ainda nos deixa um fio de esperança na reacção cristã dos principais heróis. Virgil Gheorghiu, em *La vingt-cinquième heure*, leva-nos, porém, à visão duma louca e desvairada corrida para o suicídio, desta pobre humanidade que vive já — é esta a dolorosa e impressionante tese — a sua última hora.

Fazem eco aos romancistas os intelectuais católicos e os homens de ciência, ao investigarem a natureza e as causas de semelhante ruína. A última «Semana» dos intelectuais católicos, realizada em Paris, de 8 a 15 de Maio último, sob a presidência do saudoso Cardeal Suhard, é um autêntico alarme. Maritain fala mesmo do «modo moderno de funcionamento da inteligência», até nos católicos, modo que, «em si mesmo é ateu, porque em lugar de ter o zelo do ser, o elimina e esvasia». Emmanuel Mounier, dissertando sobre a fé cristã e a civilização, acusa a «espessura» da cristandade que «destituiu Cristo». Jean Guittou assinala que já se não trata de salvar a Graça, que é abóbada e cúpula, mas a própria natureza humana que é alicerce e coluna: «não é tanto a obra do Redentor que está em perigo,

mas a do Criador»... «porque hoje o que é tocado é a própria substância». E, enquanto Paul Claudel nos diz que «o homem atingiu os limites da bestialidade, o que ainda não é nada, mas também os da consciência no mal, o que é aterrador», Mons. Grosche, Arcipreste de Colónia, dá-nos conta de que eles, os alemães, «assistiram aos sinais do apocalipse».

Uns e outros — romancistas e cientistas — porque são cristãos, não podem porém desesperar. No entanto, a esperança humana, na frase vigorosa de Claudel, «tem os rins partidos»: política, economia, pulso forte dos governos, democracia, monarquia ou república, são hoje radicalmente incapazes de nos trazer qualquer motivo de esperar.

Que nos resta então? — Jesus Cristo!

Aqui, porém, são unânimes os testemunhos. O cristão tem de regressar ao vigor espiritual dos primeiros tempos, tomar consciência do «dynamite» divino de que é portador, penetrar no temporal em que está «incorporado», e aí, em oposição ao espírito do mundo pelo qual o próprio Redentor se recusou a orar, dissociar a civilização pagã em que vivemos, para fazer surgir sempre novas realidades sociais de cada vez mais aproximadas em seu espírito do Reino de Deus.

Para nós, que andamos habituados à ideia de uma civilização cristã pacificamente estável ou de um cristianismo estabelecido; para nós que fomos habituados a confundir o espírito conservador com o espírito cristão, esta perspectiva de um cristianismo que recusa identificar-se com qualquer ordem a estabelecer ou já estabelecida, é profundamente estranha. No entanto, toda

História da Igreja nos afirma a «indiferença» do apostolado perante as formas sociais ou políticas, e, pelo contrário, a sua constante preocupação de penetrar o coração humano, criando no mais profundo do ser, a opção inevitável entre Cristo e o espírito do Mundo, opção que, uma vez realizada, fará estalar, por dissociação, os odres velhos do conservantismo sem alma nem coração.

Se a esperança humana «tem os rins partidos», a esperança cristã só poderá brilhar a nossos olhos quando se não identificar com a esperança humana, isto é, com a esperança nos meios humanos.

E é aqui que a Acção Católica tem a sua razão de ser e a sua finalidade. É aqui que a Acção Católica nos aparece como única esperança.

A Acção Católica é um espírito. Dirige-se aos corações. Ela não pretende organizar-se em bases sociais ou políticas, mas apenas organizar-se para melhor espalhar o espírito. Aos seus membros, informados já do espírito de Cristo, compete então distinguir, e insuflar o espírito no mundo, criar coisas novas, sempre renovadas.

Foi para isso que a Acção Católica, na sua organização, se formou por Organismos Especializados. Se ela pretendesse a realização ou a esta-

bilização de uma ordem determinada na esfera do temporal, teria sido organicamente una, uniformemente comandada. Criando a organização por posições na vida social, deu bem ao mundo a prova cabal do que queria, isto é, penetrar a alma dos homens de cada uma das classes, das idades, dos sexos, das profissões, para deixar a cada um o encargo de retirar da mensagem evangélica a força de dissociação capaz de transformar as energias vitais de cada classe, de cada profissão, sem lhes tirar o sentido histórico da sua oposição social, criadora de novas formas de civilização.

Aos membros da Acção Católica compete tomar consciência da importância não só da missão que a Igreja lhes confiou, mas também de que, se falharem, toda a esperança falhou.

Ser membro consciente da Acção Católica, trabalhar nela com verdadeiro espírito de Cristo, dedicar-se ardentemente à transmissão do fermento do Evangelho, é pois a melhor forma de Amor para com a humanidade do nosso tempo que, sem nós, caminhará inevitavelmente para a morte.

Não fechemos pois os olhos à advertência severa dos escritores cristãos do nosso tempo. Se a Acção Católica aparece como única esperança, havemos de concordar que ela é coisa muito séria.

© Todos os direitos reservados

HOMENAGEM AO SANTO PADRE

Vai a Junta Central distribuir por todos os associados da Acção Católica Portuguesa, através dos respectivos órgãos directivos, uma pagela, destinada à menção das **missas, orações, boas obras e sacrifícios** que hão-de constituir a grinalda espiritual a oferecer ao Santo Padre, por ocasião da 2.^a peregrinação nacional em Setembro de 1950.

Todas as Secções podem, desde já, pedir essa pagela às respectivas Direcções Diocesanas.